

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v16i28.672>**CIVILIZAÇÃO NACIONAL A PARTIR DE FORA:** política e cultura em *La Revista Literaria* no Uruguai (1865)^{1,2}**NATIONAL CIVILIZATION FROM THE OUTSIDE:** politics and culture in *La Revista Literaria* in Uruguay (1865)**CIVILIZACIÓN NACIONAL A PARTIR DE FUERA:** política y cultura en *La Revista Literaria* en el Uruguay (1865)

ELVIS DE ALMEIDA DIANA

Doutorando em História e Culturas Políticas pela
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)/ Bolsista CAPES
Belo Horizonte/Minas Gerais/Brasil
eaediana844@gmail.com

Resumo: Propomos analisar a atuação político-cultural do periódico *La Revista Literaria*, fundado por vários intelectuais uruguaios em 1865, buscando compreendê-lo tanto como um espaço de formação intelectual, quanto cidadã, a partir das indicações de Hilda Sabato (2008). Objetivamos, também, entender como suas publicações propuseram uma identidade para o Uruguai daquele período, visando à “civilização” de caráter nacional para a população daquele país. A atuação do referido periódico se centrou nas críticas dirigidas à Igreja Católica uruguia e ao passado monárquico espanhol que ainda parecia se mostrar presente em meio às tentativas internas de consolidação do Estado Nacional pós-independência. No entanto, esse projeto se deu olhando-se “para fora”, por meio de referenciais externos, consistindo, assim, em uma forma de percepção de um “movimento” temporal – conforme os dizeres de Reinhart Koselleck (2006) - em direção à “modernidade” político-cultural nacional uruguia.

Palavras-chave: Uruguai. Civilização. *La Revista Literaria*.

Abstract: We propose to analyze the political-cultural performance of the periodical *La Revista Literaria*, founded by several intellectuals in 1865, seeking to understand it both as a space for intellectual and citizen formation, based on the indications of Hilda Sabato (2008). We also aimed to understand how his publications proposed an identity for Uruguay of that period, aiming at the "civilization" of national character for the population of that country. The journal's work focused on

¹ Artigo submetido à avaliação em fevereiro de 2019 e aprovado para publicação em junho de 2019.

² Este artigo é originário de parte de um dos tópicos do capítulo 2 de minha dissertação de mestrado, defendida em 2016 e intitulada *Educação e cidadania política em José Pedro Varela: a Reforma Vareliana como instrumento de democracia e progresso no Uruguai (1865-1881)*, que foi financiada pela FAPESP processo nº 2014-06151-3, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), financiamento este que esteve em vigência entre agosto de 2014 e julho de 2016. A referida dissertação foi publicada em livro no ano de 2018, com o título *Educação pública e política em José Pedro Varela no Uruguai do século XIX*, pela Editora Prismas (Curitiba-PR). Embora *La Revista Literaria* tenha sido um dos temas de uma apresentação em Simpósio Temático que realizamos na Semana de História da UNESP-Campus de Franca, ainda em 2015, e ter sido parte de tópico de um dos capítulos da dissertação acima mencionada (e posterior livro), tangenciando as macrotemáticas da mesma, não foi nosso objetivo central o estudo específico e mais aprofundado sobre as motivações que levaram à criação deste periódico e a análise detida dos artigos publicados nele em nenhuma das ocasiões anteriores. Nesse sentido, a grande maioria das publicações deste periódico, as quais trabalharemos neste presente artigo, não foi utilizada como fonte nas versões e ocasião anteriormente citadas e, portanto, este artigo é uma versão totalmente ampliada, com outros objetivos, materiais inéditos, novas análises e discussões que não foram realizados e utilizados nos referidos trabalhos anteriores. Assim, essa reformulação e ampliação proporcionaram resultados totalmente novos alcançados por nós neste artigo.

criticism of the Uruguayan Catholic Church and the Spanish monarchist past that still seemed to be present amid the internal attempts to consolidate the post-independence National State. However, this project took place by looking "outwardly" through external references, thus constituting a form of perception of a temporal "movement" - in Reinhart Koselleck's (2006) words - towards "modernity" political-cultural Uruguayan national.

Keywords: Uruguay. Civilization. *La Revista Literaria*.

Resumen: Proponemos analizar el desempeño político-cultural de la revista *La Revista Literaria*, fundada por varios intelectuales en 1865, buscando entenderlo como un espacio para la formación intelectual y ciudadana, basado en las indicaciones de Hilda Sabato (2008). También intentamos entender cómo sus publicaciones propusieron una identidad para Uruguay de ese período, con el objetivo de la "civilización" de carácter nacional para la población de ese país. El trabajo de la revista se centró en las críticas a la Iglesia Católica Uruguaya y al pasado monárquico español que todavía parecía estar presente en medio de los intentos internos para consolidar el Estado Nacional posterior a la independencia. Sin embargo, este proyecto se llevó a cabo mirando "hacia afuera" a través de referencias externas, constituyendo así una forma de percepción de un "movimiento" temporal, como lo expresa Reinhart Koselleck (2006), hacia la "modernidad" político-cultural uruguaya.

Palabras-clave: Uruguay. Civilización. *La Revista Literaria*.

Intelectuais e projetos nacionais na América Latina do século XIX

Quando nos propomos a compreender a questão da identidade nacional nos países latino-americanos, deparamo-nos, assim como sustentam Aggio e Pinheiro, com um considerável exercício intelectual, “[...] tanto no que se refere à natureza das sociedades latino-americanas quanto em relação à própria problemática do lugar dos intelectuais nessas sociedades”.³ Além disso, ainda segundo os autores, o conceito de identidade possui uma ambivalência no que se refere às tentativas de, ao mesmo tempo, buscar algo “autenticamente próprio”⁴ em contraposição a uma caracterização diferente em relação às demais culturas. Este problema teria sido mais complexo pelo fato de coexistirem, na região citada, elementos de caráter histórico próprios em cada um deles, referenciais advindos tanto dos Estados Unidos quanto das antigas metrópoles europeias. Nesse sentido, “trata-se, portanto de um exercício não apenas de construção de uma imagem sobre si, mas de uma elaboração desta perante o outro”.⁵

Ainda conforme apontaram Aggio e Pinheiro, os processos identitários de caráter “nacional” pós-independências não se deram de forma simples e sem conflitos intelectuais e políticos. Muito menos se deram unicamente a partir de um olhar exclusivamente “para

³ AGGIO, Alberto; PINHEIRO, Marcos Sorrilha. Os intelectuais e as representações da identidade latino-americana. *Dimensões*, v. 29, p. 23, 2012.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid., p. 24.

dentro”, tendo voltado sua atenção também – ou até preferencialmente – “para fora”, optando por certos “modelos” político-culturais em detrimento de outros.⁶ Nessa direção, recorreremos ao que argumentou Claudia Wasserman em relação a essa “preferência” por certos paradigmas.⁷ De acordo com a autora, vários pensadores latino-americanos do século XIX – dentre eles, Alberdi e Sarmiento, na Argentina; José Luis Mora, no México; e Francisco Varnhagen, Euclides da Cunha e Capistrano de Abreu aqui, no Brasil, somente para citar alguns exemplos – voltaram suas atenções para a empreitada de identificar os “obstáculos” existentes ao processo de consolidação política e cultural das recém-independentes nações latino-americanas.⁸ Ainda de acordo com Wasserman:

Uma das principais características do pensamento [latino-americano] pós-independência foi a apreciação dos modelos políticos que tinham sido capazes de superar as dificuldades de união nacional, centralização política ou imposição de ornamentos estáveis. [...] As ideias de superioridade da raça branca eram tão marcantes que mesmo os espanhóis ou latinos eram preteridos em relação ao tipo anglo-saxão. Essa geração de intelectuais repudiava os valores ibéricos e preferia leituras francesas e inglesas. Mas o afastamento cultural das antigas metrópoles não ocorreu com facilidade em todos os casos. [...] [Aqueles] autores [...] dividiam-se entre o alinhamento ou rompimento definitivo com os valores da cultura metropolitana. Os liberais, influenciados pela Ilustração francesa, consideravam a independência como um processo necessário e justificado, por isso pretendiam o rompimento definitivo com os valores ibéricos. Os conservadores, católicos e tradicionalistas, por outro lado, tinham considerado os processos de independência como algo inevitável, mas não aceitavam a ruptura com os valores e tradições das antigas metrópoles [...].⁹

Neste sentido, segundo as considerações de Wasserman, a questão de qual identidade deveria ser entendida como “ideal” consistiu no centro das discussões tanto políticas quanto historiográficas dos intelectuais da referida região e, nesse sentido, estes buscavam encontrar os “culpados” pela conjuntura em que a nação se encontrava naquele período. Nessa direção, a recorrência aos “[...] modelos externos e sua influência era tida como positiva ou negativa, dependendo da época e do viés ideológico do autor”.¹⁰ Desse modo, ainda conforme as considerações de Wasserman, estes intelectuais – muitos deles inspirados pelo cientificismo em ascensão na época – viam a possibilidade de que seus países de origem pudessem alcançar um “nível de civilização” igual aos que os países europeus e os EUA possuíam. Buscavam, ainda segundo a autora, uma dita “civilização ocidental” ao

⁶ AGGIO, Alberto; PINHEIRO, Marcos Sorrilha. Os intelectuais e as representações da identidade latino-americana. *Dimensões*, v. 29, p. 23, 2012, p. 22-49.

⁷ WASSERMAN, Claudia. Percurso intelectual e historiográfico da questão nacional e indenitárias na América Latina: as condições de produção e o processo de repercussão do conhecimento histórico. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 18, p. 99-123, dez. 2003.

⁸ Ibid.

⁹ Ibid., p. 106-107.

¹⁰ Ibid., p. 107.

realizarem diagnósticos, no sentido biológico e medicinal propriamente dito do termo, das diversas “deformações e desvios” de então.¹¹ Para aqueles homens, tais problemas estavam relacionados com “[...] a formação das raças, da ignorância generalizada e da péssima administração dos governantes que se seguiram aos processos de independência”.¹²

Neste sentido, acreditamos ser pertinente ressaltar que o atrelamento entre os “homens de letras” e o exercício da política na América Latina e, mais especificamente, no Uruguai – assim como tentaremos abordar neste artigo – consiste em uma das maiores características daquele país no que concerne à segunda metade do século XIX. Isso, pois, além de ter sido, em nossa ótica, uma forma de pensar o bem público, era, também, um modo de (re)pensar e/ou (re)construir a nação que ainda estava “por fazer-se” – mas por linhas “tortas”, em muitos casos. De acordo com alguns intelectuais daquele período – tais como Bernardo Berro¹³ e Carlos María Ramírez¹⁴, por exemplo –, a prática do republicanismo e a democracia eram elementos que não faziam parte da sociedade uruguaia desde a promulgação de sua primeira Constituição do período pós-independência, implementada em 1830. Para eles, essa situação era caracterizada por conturbações políticas que já vinham de várias décadas anteriores, constituídas pelos conflitos armados travados entre os chamados “partidos tradicionais” – os *blancos* e os *colorados* – e que resultavam na desobediência das leis no país, conforme a maioria daqueles intelectuais e políticos buscava sempre ressaltar em seus escritos publicados ao longo da segunda metade do século XIX.¹⁵

Ao tratar deste tema, os historiadores uruguaio Gerardo Caetano e José Rilla abordam a formação e o desenvolvimento daqueles que ficaram conhecidos como os “partidos

¹¹ WASSERMAN, Claudia. Percurso intelectual e historiográfico da questão nacional e indenitárias na América Latina: as condições de produção e o processo de repercussão do conhecimento histórico. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 18, 2003, p. 107.

¹² *Ibid.*, p. 109.

¹³ Bernardo Berro (1804-1868) foi um político ligado ao partido *blanco*, mas que defendia o fim dos dois partidos existentes naquele momento e a fusão dos mesmos, buscando o fim dos conflitos civis travados entre eles. Seguindo tais ideias, aderiu ao “*Manifiesto*” de André Lamas – também simpatizante desta iniciativa – em 1855, publicando suas “*Ideas de Fusion*”. Para mais informações, ver: DEVOTO, Juan E. Pivel. Prologo. In: DEVOTO, Juan E. Pivel *et al.* (org.). *Bernardo Prudencio Berro: escritos selectos*. Montevideu: Ministério de Educación y Cultura. Montevideu, 1966.

¹⁴ Carlos Maria Ramírez (1848-1898) foi um professor de Direito Constitucional da Universidade de Montevideu e publicista, tendo criado e dirigido vários periódicos, tais como *La Bandera Radical*, *La Razón*, *El Plata*, entre outros. Também foi um dos maiores simpatizantes das ideias “fusionistas” compartilhadas por Berro e outros intelectuais e políticos do século XIX no Uruguai. Para mais informações, ver: MONTERO BUSTAMANTE, Raúl. Prologo. In: DARRACQ, Daniel *et al.* (org.). *Carlos María Ramírez: páginas de historia*. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, 1978.

¹⁵ Essas temáticas foram abordadas, por exemplo, em vários textos que estes e outros escritores publicaram tanto por meio de alguns jornais de maior circulação, quanto por periódicos independentes da época. Podemos citar, talvez como os maiores exemplos destes meios de publicação, o periódico *La Fusion*, na década de 1850; o jornal *El Siglo*, criado em 1863; o semanário *La Bandera Radical*, de 1871; e *La Paz*, de 1872. Para mais informações, ver: FERNANDEZ Y MEDINA, Benjamin. *La imprenta y la prensa en Uruguay: desde 1807 a 1900*. Montevideo: Imprenta de Dornaleche y Reyes, 1900.

tradicionais” entre os séculos XIX – após o processo de independência – e XX.¹⁶ Sobre este assunto, aqueles autores afirmam que a predominância que os *blancos* possuíam nas áreas rurais seria um indício de fundamentação das tendências mais regionalistas e conservadoras que estes possuíam, ao passo que os *colorados* eram representados mais pelo alinhamento ao ideal da “cidade-porto”, ou seja, de um caráter mais cosmopolita e cidadão. Ainda de acordo com Caetano e Rilla, aqueles partidos, ao longo do século XIX, estiveram envolvidos em muitos conflitos, assim como estes autores resumem por meio do seguinte trecho:

A [...] debilidade do Estado como poder coativo equiparou por um longo tempo a força do governo com a de qualquer grupo da sociedade civil disposto à rebelião. Consequentemente, [...] os partidos políticos – governantes ou opositores – viram na estratégia da guerra civil uma possibilidade de acesso, de consolidação ou expulsão do poder. Daí, uma conformação um tanto bicéfala dos mesmos, com um rosto nos grupos armados rurais que disputavam o poder regional, a terra e o gado [...] e com outro na cidade-porto, atenta à renda aduaneira, [...] aos Parlamentos e aos círculos de cultura escrita.¹⁷

Nesse sentido, dentro deste contexto caracterizado pela ausência ou, no mínimo, pela insuficiência de canais viáveis para o exercício da cidadania, da participação política, além da falta de um Estado que pudesse gerir tais anseios e a permanência dos costumes de caráter “monárquico” e muito ligados à Igreja Católica, as discussões sobre a construção de uma “civilização” nacional estiveram na ordem do dia daquela sociedade. Era preciso pensar uma “comunidade imaginada”, conforme a expressão de Benedict Anderson¹⁸, que fosse compatível aos valores republicanos e democráticos, os quais deveriam ser interiorizados em seus cidadãos. E para que isso fosse viável, conforme Rivera, era necessária a

[...] existência de um Estado livre. Ou seja, um corpo político autossuficiente conformado por cidadãos livres capazes de determinar autonomamente seus próprios fins. A República perdura graças à *virtude* definida como a capacidade de cada cidadão colocar os interesses da comunidade acima dos seus. Para sobreviver, a república deveria manter ardendo o espírito cívico.¹⁹

Além disso, consideramos que tais discussões representavam novas maneiras que os intelectuais uruguaios daquele momento elaboraram para alcançar a “civilização” da nação

¹⁶ CAETANO, Gerardo; RILLA, José. El sistema de partidos: raíces y permanencias. *Cuadernos del CLAEH*, Montevideo, n. 31, 1984; CAETANO, Gerardo. RILLA, José. *Historia contemporánea del Uruguay: de la colonia al Mercosur*. Montevideo: Fin de Siglo, 1994.

¹⁷ CAETANO, Gerardo; RILLA, José. El sistema de partidos: raíces y permanencias. *Cuadernos del CLAEH*, Montevideo, n. 31, 1984, p. 83-84. Todas as traduções deste artigo, sejam referentes à bibliografia ou às fontes analisadas, foram realizadas pelo autor e são de responsabilidade do mesmo.

¹⁸ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁹ RIVERA, Juan Antonio Aguilar. Dos conceptos de República. In: RIVERA, Juan Antonio Aguilar; ROJAS, Rafael. *El republicanismo en hispanoamérica: ensayos de historia intelectual y política*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002. p. 69, grifo do autor.

tão almejada por eles diante dos “vícios do passado”, os quais eram atribuídos às práticas da Igreja Católica e à antiga metrópole, a Espanha. Neste sentido, naquele contexto, as discussões acerca de uma “educação política nacional” possuíam grande destaque, e tiveram grande realce, também, as publicações, na imprensa, realizadas por intelectuais que buscaram intervir, por meio de seus escritos, naquele período de grandes conturbações políticas e sociais. O objetivo deles era colaborar para a resolução dos problemas e impasses nos quais a sociedade uruguaia se encontrava, assim como já indicamos antes. Nessa direção, segundo Hilda Sabato²⁰, ao mesmo tempo em que estava em curso, naquele contexto, a consolidação e centralização do Estado, também estava em formação, dentro das grandes cidades latino-americanas “[...] uma sociedade civil relativamente autônoma, cujo sintoma mais evidente foi a expansão da atividade associativa e da imprensa independente [...]”.²¹

Além disso, tanto as chamadas “associações” quanto a imprensa, ainda segundo Sabato, representavam locais de interlocução com as autoridades estatais e contribuíram de forma considerável para a formação de uma esfera pública atuante nas repúblicas que buscavam se consolidar enquanto tal.²² Nestes locais, os “homens de letras” encontraram um espaço de atuação nos quais era possível publicar seus escritos de caráter literário, político e social. Nesse sentido, além de aqueles terem a possibilidade de “aprimorarem” sua “formação intelectual” dentro destes lugares, os periódicos também eram ambientes que proporcionavam o exercício e a projeção de princípios democráticos, fraternos e da cidadania para o âmbito público.²³ Para os intelectuais latino-americanos, as “associações” e a imprensa, na segunda metade do século XIX, representaram meios de expressar e reforçar constantemente “[...] os valores e as práticas da civilidade e da vida cívica, enfim, da ‘civilização’”.²⁴

Neste sentido, a partir das publicações dos escritos dos intelectuais latino-americanos, recorreremos ao que Julio Ramos sustenta em relação à imprensa naquele contexto de busca pela consolidação dos Estados Nacionais.²⁵ Para Ramos, a imprensa, dentro do que ele chamou de “República das Letras”,

[...] era o lugar onde se debatia a “racionalidade”, a “ilustração”, a “cultura”, tudo o que diferenciava a “civilização” da “barbárie”. Desse modo, é possível pensar o

²⁰ SABATO, Hilda. Nuevos espacios de formación y actuación intelectual: prensa, asociaciones, esfera pública (1850-1900). In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: Katz, 2008. v. 1, p. 387-411.

²¹ Ibid., p. 387.

²² Ibid.

²³ Ibid.

²⁴ Ibid., p. 389, aspas da autora.

²⁵ RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século XIX*. Tradução: Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

jornalismo de então como o lugar onde se formalizava a *polis*, a vida pública em vias de racionalização.²⁶

Mais especificamente, as ideias e propostas difundidas a partir dos escritos destes intelectuais, publicados em alguns periódicos, tinham um objetivo maior, em nossa ótica: fazer com que a “civilização” se tornasse nacional, ou seja, pensar e concretizar um “processo de nacionalização” da “civilização”, assim como argumentam João Feres Júnior e Maria Elisa Noronha de Sá sobre as transformações deste termo no Brasil, entre os séculos XVIII e XIX.²⁷ Partindo, também, das indicações teórico-metodológicas do historiador alemão Reinhart Koselleck, Feres Júnior e Noronha de Sá afirmam que, em todos os locais nos quais o termo “civilização” foi mobilizado, houve ideias dicotômicas que expressavam o sentido oposto do referido conceito. Acreditamos que podemos elucidar melhor esta questão por meio das próprias palavras dos autores mencionados anteriormente:

[...] o termo civilização apresentou acentuado caráter contraconceitual, isto é, seu campo semântico foi povoado por oposições dicotômicas a outros termos como selvageria, ignorância, irreligiosidade, falta de lei, mas sobretudo, barbárie. Como tal, o conceito serviu para distinguir, separar e diferenciar povos, nações, grupos humanos e mesmo indivíduos, hierarquizando-os do ponto de vista material e, não raro, moral: a civilização ocupa o pólo positivo da dicotomia, enquanto o seu oposto ocupa o negativo.²⁸

Em relação ao fato de a ideia de “civilização” ter sido usada com a finalidade de “dicotomizar” a realidade das disputas políticas e sociais, Koselleck afirma que a utilização de tais conceitos – definidos por ele como “antitéticos assimétricos” ou “desiguais” – consistiu em uma forma de “constituir” os outros grupos humanos que eram alvos de críticas ou admiração, hierarquizando-os conforme as apreciações próprias dos agentes envolvidos nos debates públicos.²⁹

²⁶RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 108, grifos e aspas do autor.

²⁷ João Feres Junior e Maria Elisa Noronha de Sá buscam compreender como se dá, ao longo de um século – entre 1770 e 1870 –, as mudanças de sentido pelas quais passa o conceito de “civilização” no Brasil. De modo mais específico e a partir da hipótese levantada pelo autor holandês Pim den Boer – a de que o conceito de “civilização” sofre um processo de nacionalização em vários países –, Feres Junior e Noronha de Sá visam compreender se isso também ocorreu no Brasil durante a segunda metade do século XIX. Conforme os próprios autores deixam claro, “[...] se passa de um uso de civilização que se refere a uma concepção universal de história, na qual se inclui a América, a um uso que remete a uma forma de ser particular, à definição de uma identidade nacional” FERES JUNIOR, João; SÁ, Maria Elisa Noronha de. *Civilização*. In: FERES JUNIOR, João (org.). *Léxico da história dos conceitos políticos do Brasil*. 2. ed. rev. ampl.. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 210.

²⁸ FERES JUNIOR, João; SÁ, Maria Elisa Noronha de. *Civilização*. In: FERES JUNIOR, João (org.). *Léxico da história dos conceitos políticos do Brasil*. 2. ed. rev. ampl.. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 209-210.

²⁹KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

Assim, “separações” e/ou “hierarquizações” do referido tipo foram expressadas, a nosso ver, por meio de publicações de *La Revista Literaria* no Uruguai do Oitocentos, e, neste sentido, consistiram em uma forma de conceber um “movimento” histórico ou temporal. Tais “movimentos” expressavam a intenção de um rompimento com os elementos próprios do legado do passado colonial ligado à antiga metrópole, a Espanha, e à atuação da Igreja Católica no país. Nesse sentido, este rompimento, na ótica dos membros de *La Revista Literaria*, contribuía para a concretização de um “avanço” em direção à “modernidade” político-cultural uruguaia a partir da “nacionalização” da “civilização” naquele país platino. Arelado ao conceito de “civilização” estava o de “republicanismo”, que, em conjunto, constituíam, dentro das publicações de *La Revista Literaria*, a percepção de um “movimento” que conduzia à já referida “modernidade”. Nesse sentido, para Koselleck, o conceito tinha a “função” de não somente expressar a percepção sobre o tempo histórico, mas, também, era mobilizado como forma de “[...] antecipar teoricamente o movimento histórico e influenciá-lo praticamente”.³⁰ Considerando as indicações anteriores de Koselleck, acreditamos que isso também poderia ser considerado em relação às publicações de *La Revista Literaria* no Uruguai da segunda metade do século XIX, assim como veremos posteriormente.

Ainda em relação a esta ideia de “modernidade”, de modo geral, Koselleck assevera que o passado só foi compreendido como “totalmente diferente” quando “[...] foram registradas historicamente novas experiências, presumivelmente jamais feitas antes [...]”.³¹ Neste sentido, “o diagnóstico do novo tempo e a análise das eras passadas se correspondiam mutuamente” e, assim, “essa associação de reflexão histórica e consciência do movimento em direção ao progresso permitiu destacar o período moderno em comparação com os períodos precedentes”.³² Dessa forma, teria existido um “passado presente” que ainda se fazia notável, mas que, ao mesmo tempo, contribuiu para a elaboração de projeções em relação a um futuro que, por sua vez, já se fazia perceptível no presente, ou seja, um “futuro presente”.³³

Nesta linha de raciocínio, as ideias de “passado presente” e “futuro presente” remetem às definições de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, as quais não são, de modo algum, excludentes entre si, mas sim complementares, em constante interação, pois “[...] não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”.³⁴ Assim,

³⁰ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006, p. 325.

³¹ *Ibid.*, p. 287.

³² *Ibid.*

³³ *Ibid.*

³⁴ *Ibid.*, 307.

“espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, para Koselleck, são categorias que consistem nas ideias essenciais de que:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. [...] Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente voltado para o ainda não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem. Horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado. A possibilidade de se descobrir o futuro, apesar de os prognósticos serem possíveis, se depara com um limite absoluto, pois ela não pode ser experimentada.³⁵

Dessa forma, acreditamos, assim como buscaremos analisar neste trabalho, que a visão dos membros de *La Revista Literaria*, mais especificamente as de José Pedro Varela³⁶, expressava uma percepção de “movimento” histórico ou temporal em direção ao “futuro da nação” uruguaia, que deveria se fazer presente a partir da existência de uma “civilização nacional”. Tal “civilização nacional” seria caracterizada pela democracia e pelos princípios republicanos, mas construída a partir do “olhar-se para fora”, com elementos externos, estes mais ligados ao paradigma político e cultural estadunidense. Essa projeção partia de um descontentamento em relação a um passado que, na visão deles, carregava a herança colonial da antiga metrópole, a Espanha, e da Igreja Católica, o qual deveria ser deixado para trás e dar lugar à empreitada de se tornar nacional a “civilização” da sociedade uruguaia, ou seja, à construção da “modernidade” e/ou “progresso” político-cultural naquele país. Essa interação entre as experiências vividas e as projeções de futuro para a nação a partir da ideia de “modernidade” teria, a nosso ver, gerado percepções de “movimento” temporal que teriam engendrado uma separação nítida entre o “espaço de experiências” e o “horizonte de expectativas”. No entanto, esta percepção de “movimento” ou desejo de ruptura não veio sem

³⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006, p. 309-311.

³⁶ José Pedro Varela (1845-1879) foi um escritor e publicista que ficou conhecido posteriormente como o “reformador” da educação pública uruguaia, a partir do momento em que ocupou o cargo de Inspetor de Educação Pública naquele país, durante a segunda metade da década de 1870. Para mais informações sobre Varela, ver: MANACORDA, Telmo. *Jose Pedro Varela*. Montevidéo: Imprensa Uruguaya, 1948; FARAONE, Roque. Varela: la conciencia cultural. In: *Enciclopedia Uruguaya*. Montevidéo: Editores Reunidos: Editorial Arca, 1968. Embora abordemos as motivações que levaram à criação de *La Revista Literaria* – e este periódico enquanto um espaço aglutinador de vários intelectuais e editores, e de formação da cidadania, assim como já indicamos –, optamos por centrar nossa análise nos artigos de Varela publicados no referido periódico, pelo fato de este autor ter sido, a nosso ver, o que mais se destacou por meio de suas publicações, tanto em relação às temáticas abordadas por ele, dentre elas a ideia de uma “civilização nacional”, quanto no que tange ao rompimento com o passado monárquico e as aspirações para o futuro do país platino, temáticas que são o foco específico de nossa análise aqui, neste trabalho.

um “olhar para trás”: foi necessária uma interação constante entre passado e futuro para se construir um projeto de uma “nova” nação uruguaia.

Uma vez postas nossas premissas e intenções, voltaremos nossa atenção, de modo mais aprofundado e detido, para as condições que motivaram a criação de *La Revista Literaria* e sobre como as questões supracitadas foram mobilizadas por este periódico por meio de suas publicações como forma e atuação política na sociedade uruguaia do século XIX.

***La Revista Literaria* e “civilização” nacional a partir de fora**

Quando nos dispomos a tratar sobre o a história do conceito de “civilização” no Uruguai do século XIX, inevitavelmente recorreremos às colocações que Ariadna Islas Buscasso³⁷ realizou acerca deste tema. Segundo a autora, o termo teve diversos significados entre 1750 e 1870, mas, mais precisamente, na segunda metade do século XIX, ou seja, no período pós-independência e de consolidação do Estado Nacional uruguaio,

[...] o termo civilização designou paralelamente um estágio no desenvolvimento social que conquistaram certas sociedades desde o ponto de vista do falante e que seria passível de ser alcançado por outras, na medida em que avançaram em sua “ilustração”. A relação entre ambos os termos conota a ideia de progresso. Neste caso, o conceito de *civilización* se vincula com o conceito de “regeneração” social, tarefa privilegiada da revolução contra a monarquia absoluta. Em alguns casos supôs a valorização negativa da sociedade espanhola e suas instituições políticas, em particular o menosprezo da monarquia em oposição à percepção positiva do sistema republicano e da democracia representativa. Criada no marco de uma nova ordem, esta institucionalidade política se destacou nos textos como a forma de governo própria dos povos civilizados.³⁸

A partir da análise que Buscasso realiza sobre a ideia de “civilização” para o referido período, acreditamos que as publicações de *La Revista Literaria* estariam em consonância com o que a autora propõe. E parece ser justamente com estas intenções que, no dia 7 de maio de 1865, Jose Antonio Tavolara, enquanto diretor deste periódico, dava início à atuação periódica de *La Revista Literaria*, juntamente com José Pedro Varela, Julio Herrera y

³⁷ BUSCASSO, Ariadna Islas. Morigerar las costumbres para formar la nación: El concepto *civilización* en el discurso político desde la formación de la sociedad colonial hasta la construcción de la república. In: CAETANO, Gerardo (org.). *Historia Conceptual: voces y conceptos de la política oriental (1750-1870)*. Montevideo: EBO, 2013, p. 93-112.

³⁸Ibid., p. 94, grifos e aspas da autora.

Obes, Eliseo Outes, José Maria Castellanos e Gonzalo Ramírez como redatores e colaboradores.³⁹

La Revista Literaria não foi o primeiro periódico que tinha Tavolara como diretor. Em 1862, sob inspiração das ideias republicanas do chileno Francisco Bilbao⁴⁰, Tavolara havia inaugurado a revista *La Aurora*, periódico que esteve em vigência por quase um ano.⁴¹ Sobre a referida troca de ideias entre Bilbao e Tavolara, Arturo Ardao assevera que este teria se inspirado mais especificamente na proposição, elaborada por aquele, de que a antiga metrópole, a Espanha, representaria todo um passado carregado de elementos religiosos “obscuros” e uma política de caráter absolutista, elementos responsáveis por uma desarticulação e pelos “perigos” para os países latino-americanos.⁴² Nesse sentido, aquele presente era marcado por uma constante tensão entre o passado, que dizia respeito aos elementos católicos, e o futuro, representado pelos princípios republicanos.⁴³ Por meio do texto “*Prospecto*”, escrito pelo diretor Tavolara e publicado no supracitado primeiro número, tratava das motivações e objetivos daquele periódico:

[...] a *Revista Literaria* será o campo em que virão lutar as inteligências literárias do país, contando com que o engenho estrangeiro também nos favorecerá com suas produções. Apesar de nossa pobreza intelectual, temos fé em nossos esforços e ela nos alenta. As páginas desta publicação abraçarão tudo aquilo que se relacione com as Belas Letras, as Ciências, as Artes, a História, a Religião e a Educação.⁴⁴

Tavolara fazia questão de deixar claro as intenções por parte dos membros que conduziam as publicações de *La Revista Literaria* em relação a privilegiar as contribuições de escritores estrangeiros devido à “pobreza intelectual” uruguaia, mas mantida a esperança de

³⁹ LA REVISTA LITERARIA. 7 de maio de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideu, 2000a, p. 137.

⁴⁰ Francisco Bilbao (1823-1865) foi um intelectual chileno, de orientação liberal e republicana. Devido ao teor considerado radical de suas ideias políticas contidas em seu primeiro livro intitulado *La Sociabilidad Chilena* (1844), foi mandado para o exílio na Europa, onde teve contato direto com Jules Michelet, Edgar Quinet e Felicité Lammenais, além de ter participado ativamente dos movimentos revolucionários franceses, em 1848. Além de *La Sociabilidad Chilena*, Bilbao também escreveu outras obras tais como *La Iniciativa de América* (1856), *La América en Peligro* (1862) e *El Evangelio Americano* (1864). Para mais informações, ver: SCHEIDT, Eduardo. Representações da Revolução Americana no ideário de Francisco Bilbao. *Estudios Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 36, n. 1, p. 48-66, jan./jun. 2010. Neste sentido, Tavolara teria se inspirado nas ideias que Bilbao elaborou em seu livro *La América en Peligro*, escrito pelo chileno e publicada na capital argentina, Buenos Aires, em 1862. Para mais informações, ver: JESUALDO. *Formación del pensamiento racionalista de José Pedro Varela*. Montevideu: Ed. Universidad de la República, 1958.

⁴¹ ARDAO, Arturo. *Racionalismo y liberalismo en el Uruguay*. Montevideo: Ed. Universidad de la República, 1962.

⁴² Ibid.

⁴³ ARDAO, Arturo apud JESUALDO. *Formación del pensamiento racionalista de José Pedro Varela*. Montevideo: Ed. Universidad de la República, 1958.

⁴⁴ LA REVISTA LITERARIA. *Prospecto*, 7 de maio de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideu, 2000a, p. 137, grifos do autor.

um futuro diferente. Por sua vez, Julio Herrera y Obes, em seu texto intitulado “*Nuestros Propósitos*”, deixou claro que a “missão” do periódico era a “[...] a guerra ao crime e ao erro, a guerra à imoralidade, a guerra ao vício”.⁴⁵ E prossegue:

Veremos se o desencanto, o desespero e o egoísmo, esses presentes do tempo que costumam ser simbolizados na experiência e nos cabelos grisalhos, podem mais que o entusiasmo dessa juventude que com a alma cheia de vivificante calor, cheia de abnegação, cheia de vida, por mais que ainda não tenha visto dobrar tristemente as brancas asas desses dois querubins do futuro: a esperança e a fé com soberano alento e decisão heroica, fazendo rolar para o abismo as armadilhas que no caminho da civilização e do progresso negam passagem [...] à humanidade. [...] *A Revista não reconhece hierarquias ou sagrado, tratando-se de erros ou de vícios.*⁴⁶

O “desencanto”, o “desespero” e o “egoísmo” são associados, por Herrera y Obes, às “experiências” e aos “cabelos grisalhos”, ambos colocados como resultado do passado, este que deveria dar lugar à juventude “cheia de vida” e “abnegação”, incumbida de buscar a “civilização” e o “progresso” de forma conjunta. E, ao não reconhecer as “hierarquias” e o “sagrado” dentro de seu ambiente redacional, fica explícito que a intenção de seus membros é estabelecer um espaço igualitário e fraterno em detrimento de um ordenamento rígido e inquestionável. Mas o que não está tão explícito é o fato de que o elemento ao qual se dirigiam as atenções de José Antonio Tavolara e Julio Herrera y Obes era a “preferência” pelos referenciais que não fossem de origem espanhola, mas sim francesas ou inglesas, assim como fica muito perceptível nos artigos escritos por Varela, como veremos adiante.

Varela era um dos membros mais atuantes daquele periódico e direcionava, na maioria das vezes, sua atenção à atuação da Igreja Católica no Uruguai e contra a herança colonial espanhola que, em sua ótica, ainda era percebida em seu contexto de atuação. Um dos exemplos da questão que buscamos elucidar se encontra nas suas problematizações acerca do papel da Igreja Católica dentro da nação que se almejava “regenerar” e (re)construir. No artigo intitulado *El Catolicismo Marcha*, de 24 de setembro de 1865, Varela abordou as propostas reformistas surgidas dentro da própria Igreja Católica italiana daquele contexto e que foram elaboradas e propostas por aqueles que ele chamou de *Clérigos emancipados*. Alguns pontos de destaque ressaltados por Varela, a partir de sua recorrência ao exemplo das propostas dos *Clérigos* italianos, foram: “Liturgia em *língua nacional* e livre circulação e

⁴⁵LA REVISTA LITERARIA. Nuestros Propósitos, 7 de maio de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideo, 2000. p. 135. Embora este artigo esteja assinado de forma conjunta como “A redação”, Arturo Ardao nos informa de que Julio Herrera y Obes declarou sua autoria posteriormente. Para mais informações, ver: ARDAO, Arturo. *Racionalismo y liberalismo en el Uruguay*. Montevideo: Ed. Universidad de la República, 1962.

⁴⁶LA REVISTA LITERARIA. Nuestros Propósitos, 7 de maio de 1865. Op. cit., p. 135, grifos nossos.

vulgarização da Bíblia”, “Abolição do celibato forçoso” e “*Admissão de plena e completa liberdade de consciência e formal renúncia de toda doutrina de coação*”.⁴⁷ A recorrência a estas propostas tinha um objetivo maior, que era demonstrar como aquelas poderiam contribuir para que o mesmo fosse feito no Uruguai daquele momento e, conseqüentemente, para o alcance da “civilização” do país sul-americano:

As primeiras bases dessa associação [...] mostram que ela tende a fazer com que a liberdade, que em teoria ao menos, já penetrou em todas as instituições políticas e sociais dos homens, penetre também na religião. Fazer do sacerdote um pai de família; fazer do bispo um diretor do povo, eleito livremente por ele; fazer do papa, o presidente, digamos assim, de uma república; e fazer dos concílios as câmaras legislativas dessa mesma república, é aplicar à religião os princípios democráticos aplicados às sociedades políticas. Para as democracias são necessárias as religiões democráticas. Pela mesma razão que nos temos mostrado sempre inimigos implacáveis do catolicismo Romano, é que saudamos hoje cheios de entusiasmo e de esperanças, a aparição da sociedade de *Clérigos Emancipados*, que tão vastos e tão sublimes resultados podem dar ao mundo.⁴⁸

O apelo de Varela em relação à penetração da “liberdade” e dos elementos “democráticos” nos costumes da Igreja Católica faz com que percebamos suas tentativas de expressar, também, a ideia de que, para ser compatível com as questões sociais e políticas próprias daquele momento, era preciso que a Igreja Católica uruguaia passasse por um processo de “democratização”:

A Itália que foi sempre o foco do sacerdócio católico e, por conseguinte, o foco de todas as injustiças e os males que cometeu: a Itália que foi a primeira em dar o exemplo das violações das sociedades católicas é hoje, também, a primeira em dar o exemplo das reformas ao catolicismo Romano [...] democratizar o catolicismo, assimilando-o ao espírito do século, que domina mais ou menos a todas as nações, [...] o único meio de fazê-lo viver.⁴⁹

Ao mesmo tempo em que podemos perceber que Varela admirava e elogiava as reformulações que estavam sendo implementadas pelos *Clérigos Emancipados*, aquele escritor também atacava duramente a Itália, pelo fato de este país ter sido um “reduto” das “injustiças” e “males” cometidos pela Igreja Católica. Nesse sentido, em meio à recorrência ao exemplo italiano, Varela explica e reitera como as ideias dos *Clérigos Emancipados* italianos poderiam representar mais um elemento que corroboraria a busca pela “civilização” no Uruguai. Ao concluir este artigo, Varela argumenta que as reformas propostas pelos *Clérigos* significariam:

⁴⁷LA REVISTA LITERARIA. El Catolicismo Marcha, 24 de Setembro de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideo, 2000a, p. 160, grifos nossos.

⁴⁸ Ibid., p. 160, grifos nossos.

⁴⁹ Ibid., p. 159.

[...] uma prova de que o sacerdócio romano começa a compreender que o protesto que por todas as partes se formula contra os abusos e as falsas doutrinas da religião é incontrastável, e que devem seguir a corrente das ideias liberais que impulsionam o mundo, na via do progresso. Temos, pois, razão, ao dizer *o catolicismo marcha* e temos também razão ao esperar que se a associação de clérigos emancipados se estende, e encontra eco nas sociedades católicas, a religião que durante muito tempo não foi mais que uma rêmora do progresso, um elemento de atraso, se converte em um poderoso auxílio da civilização.⁵⁰

De “rêmora do progresso” e “elemento de atraso” – o que denota um sentido “parasitário” atribuído por ele à Igreja Católica – ao posto de “poderoso auxílio da civilização”. Esta era a projeção de Varela para aquela instituição religiosa uruguaia quando ele recorria às ideias dos *Clérigos*, por meio de uma “conversão” que indicaria a “expectativa” em relação a um “um novo tempo”, que traria “novas experiências” a serem vividas. Em outras palavras, para conseguir “sobreviver”, manter-se e ter um futuro “moderno”, dinâmico, não só na Itália, mas, também, em território uruguaio e no resto do mundo, a Igreja Católica, na perspectiva de Varela, só tinha uma opção: democratizar-se, reformar-se, liberalizar-se, “movimentar-se”, dinamizar-se. Ao menos, minimamente, como forma de se alcançar a “civilização” dentro da nação. Os questionamentos e críticas à Igreja Católica uruguaia também estão contidos em outros artigos como, por exemplo, em *Los jesuítas yankees*, de 8 de outubro de 1865, no qual Varela relacionou a atuação da Igreja, no Uruguai, com a colonização espanhola:

O fanatismo e a incredulidade as roem lentamente, entorpecendo sua marcha progressiva e deixando-lhes somente uma existência débil e enferma. Esse fanatismo e essa incredulidade são uma herança que nos legou uma dominação de três séculos, na qual a superstição e a tirania, reunidas para martirizar a toda uma raça, souberam viciar para sempre o povo que dominavam. As corrupções da inteligência, como as de sangue, se transmitem de geração em geração, e só chegam a desaparecer completamente quando longos anos transcorrerem e quando o bálsamo da verdade cicatrizar as sangrentas feridas que abrem no coração humano, as tiranias religiosas.⁵¹

É notória a crítica aos “vícios” e às “corrupções” – exemplificados pelo “fanatismo” e a “incredulidade” – que ele associa ao legado da Igreja Católica e à antiga metrópole, o que impulsiona uma busca pelas “virtudes” que as práticas democráticas proporcionariam, as quais ele já conseguia visualizar pairando em seu “horizonte de expectativas”. Ainda neste artigo, Varela cita a recepção que a obra intitulada *Paris en*

⁵⁰LA REVISTA LITERARIA. *El Catolicismo Marcha*, 24 de Setembro de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideo, 2000a, p. 161, grifos do autor.

⁵¹LA REVISTA LITERARIA. *Los Jesuítas Yankees*, 8 de outubro de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideo, 2000a, p. 164.

America, publicada em 1863 e de autoria de Edouard de Laboulaye⁵², obteve na capital uruguaia e discorre sobre a comparação que o autor francês realiza entre os estadunidenses e os franceses. Varela, ao apontar os “erros” e os “maus hábitos” presentes na cultura francesa em relação à da população dos Estados Unidos a partir das colocações de Laboulaye, reconheceu que, por ser crítico a uma cultura de origem latina, também era necessário aceitar e acatar que essa crítica teria sido feita para todos os países nos quais predominava esta cultura:

Nós, observando a similitude que há entre nossos defeitos e os que entorpecem o adiantamento da França, e notando que na maioria das vezes, a crítica que se dirige a um povo da raça latina, pode aplicar-se a todos os povos desta mesma raça, tomamos para nós uma parte dessa crítica, e como um resultado natural, pois encontramos tanto mais justa quanto mais exageradas estão as perfeições do povo americano e mais recarregados dos defeitos do povo francês, voltamo-nos aos Estados Unidos, acreditando ver neles o ideal dos povos republicanos.⁵³

A fim de esclarecer algumas questões sobre as menções aos valores democráticos e republicanos citados por Varela e seus significados não somente no trecho acima, como também em vários outros que citamos e ainda citaremos neste trabalho, acreditamos ser pertinente uma breve discussão sobre este ponto. De antemão, acreditamos ser importante recorrermos ao que nos diz Renato Janine Ribeiro em relação às diferenças entre “republicanismo” e “democracia”. Para o autor, “[...] a *democracia* tem no seu cerne o anseio da massa por ter mais, [...] e portanto, é um *regime do desejo*”, ao passo que “[...] a *república* tem no seu âmago uma disposição ao *sacrifício*, proclamando a supremacia do bem comum sobre qualquer desejo particular”.⁵⁴ Nesse sentido, Ribeiro se centra na ideia de “dever”, característica esta que estaria muito ligada à conduta republicana, segundo ele.⁵⁵

As considerações de Ribeiro, especificamente em relação à ideia de “dever”, parecem estar em consonância com as de José Antonio Aguilar Rivera. O que caracterizaria

⁵² Edouard de Laboulaye (1811-1883) foi um político e jurista francês, que ficou conhecido como um dos maiores idealizadores do projeto e construção da Estátua da Liberdade, durante o século XIX, como forma de se consolidar as relações entre a França e os Estados Unidos, monumento que, todos sabemos, ainda existe e é um dos maiores símbolos deste último país. Para mais informações, ver: SAWYER, Stephen W. Édouard Laboulaye et la Statue de la Liberté; l'élaboration de l'expérience démocratique. *La Lettre*, n. 26, s/d. Disponível em: http://www.college-de-france.fr/media/lettre-du-college-de-france/UPL38565_J26LABOULAYE.pdf. Acesso em: 14/02/19; KIRSCH, Marc. Un portrait d'Édouard Laboulaye. *La Lettre*, n. 26, s/d. Disponível em: http://www.college-de-france.fr/media/lettre-du-college-de-france/UPL38565_J26LABOULAYE.pdf. Acesso em: 14/02/19.

⁵³ LA REVISTA LITERARIA. Los Jesuitas Yankees, 8 de outubro de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideo, 2000a, p. 163.

⁵⁴ RIBEIRO, Renato Janine. Democracia versus República: a questão do desejo nas lutas sociais. In: BIGNOTTO, Newton (org.). *Pensar a República*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000, p. 18, grifos do autor.

⁵⁵ Ibid.

uma “conduta” dita republicana, segundo Rivera, seriam elementos como a “virtude”, o “espírito cívico” e o respeito ao bem público, os quais constituiriam uma ideia de República de caráter “denso”. Além disso, todos estes deveriam ser recorrentemente exercidos para que não dessem lugar à “corrupção” e aos “excessos”, originários do “egoísmo” que poderiam acometer os cidadãos na busca pelo “luxo”, “vícios” que seriam responsáveis pela destruição da República.⁵⁶

Neste sentido, considerando as indicações de Ribeiro e Rivera supracitadas, para Varela e os demais membros de *La Revista Literaria*, os termos “republicano”/“republicanismo” parecem, a nosso ver, ter uma conotação que não se restringe necessariamente a uma forma de governo específica, contrária à monarquia, mas, também – e até principalmente – estariam relacionados aos valores e princípios que seriam mais próprios desse tipo de conduta política para além do regime formal de governo. Assim, ao contrário do que as elites latino-americanas da época das independências entendiam como “república” – esta enquanto um regime oposto à monarquia, em sua concepção –⁵⁷, Varela e os seus companheiros de *La Revista Literaria* pareciam compreender este termo de modo mais aprofundado. Eles associavam-no aos elementos “virtuosos” já descritos anteriormente, os quais dariam sustentação à República uruguaia e à “civilização” no país platino. Além disso, parece que, no entendimento de Varela, a República e a democracia estavam ligadas, mas, em muitos momentos, ele expressava o contrário quando criticava duramente os costumes da população da Espanha, “preferindo” os dos estadunidenses e explicitando esta contradição.

E, ao retomarmos o excerto acima citado, do artigo escrito por Varela, percebemos exatamente essa total identificação com as “virtudes” político-culturais republicanas estadunidenses, as quais consistiriam em um “verdadeiro exemplo de civilização”, na ótica daquele intelectual uruguaio. Essa afinidade com tais elementos republicanos “próprios” dos estadunidenses estaria, também, associada à questão religiosa que, por sua vez, impedia o exercício da democracia no Uruguai:

É em matéria de religião que mais terríveis são esses exemplos que se apresentam como dignos de imitar-se, por que as crenças religiosas, é o ponto que serve de base a todas as nossas ideias, e por que sobre o movediço terreno da superstição e do erro, mal pode levantar-se firme, o grande edifício da justiça. É assim que nas Repúblicas do Prata não foi encontrada ainda a verdadeira democracia, apesar de que se tem

⁵⁶ RIVERA, Juan Antonio Aguilar. Dos conceptos de República. In: RIVERA, Juan Antonio Aguilar; ROJAS, Rafael. *El republicanismo en hispanoamérica: ensayos de historia intelectual y política*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

⁵⁷ Ibid.

copiada dos *Yankees* as suas leis mais liberais e de que suas Constituições são modelos acabados de republicanismo e da liberdade.⁵⁸

Embora Varela pareça deixar claro que a Constituição uruguaia, criada em 1830, tenha sido inspirada por vários elementos políticos que contribuíram para a criação da Constituição norte-americana, ele compara a religião predominante nos dois países e seus espaços de atuação, mostrando as diferenças entre eles. Seguindo sua linha de argumentação, ressalta que, nos EUA, a religião “[...] jamais encontra lugar nem na Constituição, nem nas leis civis [...]”⁵⁹, ao passo que, no Uruguai, a religião católica não só aparecia explicitamente na Constituição de 1830 como, também, fundamentava-a de forma consistente.⁶⁰ Esta fundamentação da religião católica como religião oficial a ser seguida por toda a população, dada por meio dos preceitos legais da Constituição, para ele, representava um risco constante.⁶¹ Para melhor elucidarmos a denúncia de Varela feita anteriormente, acreditamos ser necessário recorrer ao artigo 5º da Constituição uruguaia, de 1830, o qual dizia que “A religião do Estado seria a Católica Apostólica Romana”⁶², ou seja, o catolicismo estava legitimado formalmente pelos aparatos estatais enquanto religião a ser seguida por todos os habitantes daquele país sul-americano. Nessa direção,

[...] nossas ideias políticas estão calcadas em nossas ideias religiosas. *O catolicismo é monárquico*. Apesar de nosso entusiasmo pela liberdade e da profunda admiração que nos inspira os Estados Unidos como modelo de republicanismo, *não somos nem republicanos, nem democratas*. Nossas ideias não nos deixam sê-lo. Como poderíamos em política, reconhecer a igualdade dos homens e esperá-lo tudo da completa liberdade do cidadão, se aceitamos, em religião, a supremacia do sacerdócio [...]?⁶³

Como podemos perceber, embora houvesse a identificação com os elementos culturais que representavam os valores políticos estadunidenses e a clara preferência em segui-los, isso não foi possível pelo fato de que ainda havia a compatibilidade, colocada por Varela, com os elementos “monárquicos” da Igreja Católica. Em outras palavras, apesar de o Uruguai ser oficialmente uma República desde 1830, o catolicismo orientava o país platino mais em direção aos elementos culturais próprios de uma monarquia do que aos de uma

⁵⁸LA REVISTA LITERARIA. *Los Jesuitas Yankees*, 8 de outubro de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideo, 2000a, p. 164, grifos do autor.

⁵⁹Ibid., p. 166.

⁶⁰Ibid.

⁶¹Ibid.

⁶²URUGUAY. Constituição (1829/1830). *Constitución de la República Oriental del Uruguay*. Montevideo. Asamblea General Constituyente y Legislativa, Imprenta Republicana, 1829, p. 4. O Uruguai teve sua primeira Constituição como país independente em 1830, mas que foi sancionada ainda em 1829. Para mais informações, ver: GROS ESPIELL, Héctor. *Las constituciones del Uruguay*. Madrid: Centro Iberoamericano de Cooperación, 1978.

⁶³LA REVISTA LITERARIA. *Los Jesuitas Yankees*, op. cit., p. 167, grifos nossos.

República democrática propriamente dita, assim como ele projetava. Acreditamos que este impasse revelava algo maior: para tornar nacional a “civilização” da população uruguaia, era preciso recorrer aos elementos culturais estrangeiros. No entanto, o que mais atendia às expectativas em relação a tal processo de “civilização” eram os valores político-culturais republicanos estadunidenses. Justamente por isso, era preciso “imitar”

[...] os Estados Unidos, mas o façamos naquilo que têm de democrático e de justo, e não naquilo que possa fazer-nos retroceder no caminho da liberdade. [...] *Sigamos os bons exemplos dos Estados Unidos; tratemos de constituir-nos como eles, e de fazer-nos verdadeiramente republicanos [...] não insistamos na empresa, tão absurda quanto impossível, de construir as obras de Washington com as doutrinas de Loyola.*⁶⁴

Para Varela, era essencial “imitar” os Estados Unidos naquilo que representasse as “virtudes” e não necessariamente em tudo, de forma cega. No trecho acima, ficam explícitas as menções ao general George Washington, um dos líderes e símbolos da independência dos Estados Unidos⁶⁵, e a Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus⁶⁶, ordem religiosa católica que Varela criticava duramente. Neste sentido, na visão daquele escritor uruguaio, os valores republicanos, representados por Washington, não eram compatíveis com aqueles que seriam próprios de Loyola e os jesuítas.⁶⁷

Já no artigo intitulado *El americanismo y la España*, de 26 de novembro de 1865, Varela chama a atenção para o antes e o depois das “revoluções” de independência, e diferencia as tendências europeias e as americanas:

Cinquenta anos faz que as Repúblicas americanas, cadáveres antes da revolução, entraram a formar parte das nações, quebrando as ameaçadoras, as degradantes

⁶⁴LA REVISTA LITERARIA. *Los Jesuitas Yankees*, 8 de outubro de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideo, 2000a, p. 167, grifos nossos.

⁶⁵ Para mais informações sobre a atuação do general George Washington, sobre o processo de independência das Treze Colônias Inglesas e a formação do Estado e nação estadunidenses, ver: JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos: Estado Nacional e narrativa da nação (1776-1900)*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

⁶⁶ Para maiores informações sobre Inacio de Loyola, o surgimento da Companhia de Jesus e suas missões na América Latina, ver: ÁLVAREZ, Benedicto Cuervo. *Las misiones de los padres jesuitas en Latinoamérica (1606-1767)*. *La Razón Histórica: Revista Hispanoamericana de Historia de las Ideas*, n. 27, p. 146-185, 2014.

⁶⁷ Acreditamos ser importante chamar a atenção, também, para as semelhanças que existem entre o pensamento de Varela e o do político, intelectual e presidente da Argentina na segunda metade do século XIX, Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) em relação à questão da “civilização”, à identificação com os Estados Unidos e de sua rejeição ao passado colonial espanhol. Sarmiento atuou praticamente no mesmo período em que Varela, também foi um entusiasta da educação do povo e sempre fez questão de deixar clara a sua admiração pelo “modelo” político-cultural estadunidense. As referidas características do pensamento político-cultural de Sarmiento podem ser verificadas em seus escritos, tais como *Facundo* (1845) e *Educación Popular* (1849). Para mais informações, ver: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo o civilización y barbárie*. 1. ed.; 2. reimpr. Buenos Aires: R.P. Centro Editor de Cultura, [1845] 2012; SARMIENTO, Domingo Faustino. *Educación popular*. Prólogo de Juan Carlos Tedesco e Ivana Zacarías. La Plata: UNIPE: Editorial Universitaria, [1849] 2011.

correntes que as uniam a Espanha, e desde então até aqui, os governos europeus, inimigos naturais e implacáveis do sistema republicano, não têm feito mais que aproveitar-se das extenuações que produziram aos americanos, as revoluções, essas aspirações sublimes até a liberdade, em que vivem continuamente e que eles qualificam de anarquia, para minar [...] o edifício da democracia americana.⁶⁸

Assim como Varela deixa claro no trecho acima, a história dos países latino-americanos estava dividida em dois momentos, os quais pareciam, na visão deste intelectual uruguaio, não estarem separados simplesmente e/ou somente por uma questão temporal propriamente dita, mas, também, por uma questão política e “civilizatória”: o antes e o depois da tutela da antiga metrópole, a Espanha. O antes representava a “falta de vida” republicana e democrática dos países latino-americanos e o depois, por sua vez, simbolizava o “nascimento” da vida política, republicana e “civilizada” das novas nações “americanas”. Para além disso, parece-nos que, para Varela, após as suas independências, as novas Repúblicas latino-americanas não só estavam livres da dominação europeia, mais especificamente da espanhola, mas, também, identificaram-se mais com os Estados Unidos, aproximando-se mais deste país e formando, assim, “uma só América”. Neste sentido, por causa desta identificação, esta “América única” seria constituída por todas as jovens “repúblicas americanas”:

A Europa e a América, para os que defendem o americanismo e para aqueles que o combatem, não são simplesmente duas grandes línguas de terra, separadas por um braço de mar, não são dois grandes continentes nos quais o reino animal e vegetal são distintos e apresentam ao viajante observador, motivos de observação e de estudos; não são as duas partes da América que destacam a Geografia com o nome de Europa e de América: - são algo mais; são a encarnação de dois distintos princípios; as representantes de duas ideias que cada uma por si pretende dominar o mundo, uma apoiando-se nessa montanha de erros que se chamam leis e os costumes dos povos, a tradição histórica; a outra, tomando por base as noções de justiça e de liberdade inatas ao homem e da divina tradição que lhe dá a consciência como guia de suas ações e como Juiz supremo de seus atos.⁶⁹

E vai além: propõe uma sucessão e “evolução” das ideias políticas e das “civilizações” no decorrer da História da “civilização”, pressupondo a existência de um processo temporal caracterizado pela busca por um “progresso” político. Neste sentido, tal “progresso” era marcado por uma finalidade específica: criar uma “nova civilização”, ou seja, uma “civilização” nacional e republicana:

⁶⁸ LA REVISTA LITERARIA. *El americanismo y la España*, de 2 de novembro de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideo, 2000a, p. 177.

⁶⁹ Ibid.

Cada novo princípio que se apresenta, simbolizando uma das fases da civilização, precisa de uma terra virgem para crescer e se desenvolver.⁷⁰ Assim vemos que quando os Governos teocráticos se afundam lentamente para dar lugar ao absolutismo, nova face do progresso que avança, a Europa, até então desconhecida, se destaca dentre as sombras, e Grécia e Roma, se fazem as senhoras do mundo, a teocracia e o absolutismo, a Ásia e a Europa, sustentam uma luta gigantesca; até que no fim a Ásia, [...] desaparece para sempre. [...] a Espanha será a senhora do mundo, até que um novo princípio com uma nova terra na qual crescer, venha a jogá-la de seu trono e uni-la aos povos do passado, *cuja época de civilização já caducou*.⁷¹

Em consonância com os excertos já analisados e, mais especificamente, o trecho acima, retomamos, aqui, o que já havia sugerido Ariadna Islas Buscasso, que teria sido, mais ou menos, neste período, ou seja, na década de 1860 em diante, que se iniciava a utilização do termo “civilização” como “[...] uma forma de sociabilidade própria e gerada por um processo histórico peculiar em um lugar determinado, em uma região ou, eventualmente, em um país”.⁷² A autora dá prosseguimento às suas indicações:

[...] o conceito *civilização* aplicado a uma nação determinada, ainda que mantendo o caráter universal e moral que lhe é próprio, transformou-se em um caso peculiar, em uma *civilização* regional ou nacional, neste caso “americana”, que acrescentou ao conceito *civilização* uma dimensão material. A *civilização* se relacionou, em seu desenvolvimento com um espaço geográfico determinado [...].⁷³

E o último trecho da publicação de Varela que citamos anteriormente está, a nosso ver, alinhado com o que propõe Buscasso acima. Aquele membro de *La Revista Literaria* concebe o “movimento” temporal conforme os ordenamentos político-culturais vão surgindo e declinando ao longo da História. Nessa direção, reitera que a única renovação

⁷⁰ A historiadora Ariadna Islas Buscasso também se utilizou destas duas linhas citadas acima para tratar sobre a associação entre a “civilização” e um lugar geográfico específico com o passar do tempo. No entanto, a nosso ver, não se aprofundou de forma mais detida na análise sobre a atuação político-cultural de *La Revista Literaria* e suas demais publicações (que é o que procuramos fazer aqui, neste trabalho), pois isto não fazia parte das intenções da autora uruguaia. O objetivo central de Buscasso foi realizar uma História do conceito de “civilização” antes, durante e depois da independência uruguaia, ou seja, entre 1750 e 1870, a partir de escritos de diferentes agentes políticos deste período, como modo de compreender os significados e modificações daquele conceito ao longo do tempo. Nessa direção, embora Buscasso também cite o referido trecho de Varela publicado por *La Revista Literaria*, a própria autora deixa muito claro que “a pertinência de considerar a existência de um só tipo de *civilização* ou de várias ‘civilizações’ com desenvolvimentos próprios e eventualmente nacionais, cuja discussão se desprende destes textos, transcende e excede o período que nos ocupa, mas fica aqui colocado”. BUSCASSO, Ariadna Islas. Morigerar las costumbres para formar la nación: El concepto *civilización* en el discurso político desde la formación de la sociedad colonial hasta la construcción de la república. In: CAETANO, Gerardo (org.). *Historia Conceptual: voces y conceptos de la política oriental (1750-1870)*. Montevideo: EBO, 2013, p. 109, grifos do autor. Assim, esta colocação de Buscasso nos indicou a possibilidade de aprofundarmos o estudo sobre a construção da “civilização” de caráter nacional a partir das publicações de *La Revista Literaria* na segunda metade do século XIX, no Uruguai.

⁷¹ LA REVISTA LITERARIA. *El americanismo y la España*, de 2 de novembro de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V) - primera parte*. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideo, 2000a, p. 177-178, grifo nosso.

⁷² BUSCASSO, Ariadna Islas. Morigerar las costumbres para formar la nación: El concepto *civilización* en el discurso político desde la formación de la sociedad colonial hasta la construcción de la república. In: CAETANO, Gerardo (org.). *Historia Conceptual: voces y conceptos de la política oriental (1750-1870)*. Montevideo: EBO, 2013. p. 94.

⁷³ Ibid., grifos e aspás da autora.

possível é o modelo que se baseia em princípios democráticos e republicanos, sendo este o responsável por proporcionar um caminho direcionado à “civilização”. Neste raciocínio seguido pelo escritor uruguaio, os princípios republicanos e democráticos estariam mais ligados aos países “americanos”, ou seja, às jovens nações recém-independentes e aos Estados Unidos. Todos estes países, que passariam a ser um “lugar próprio” do republicanismo, viriam “destronar” a Europa, mais especificamente a Espanha, que era associada, de forma recorrente, aos elementos monárquicos e cuja “civilização” própria deste regime já havia caído em desuso e ficaram no passado. Desse modo, tais colocações sugerem a percepção de um passado que vai se afunilando, aos poucos, para dar lugar a um futuro que, cada vez mais, proporciona um “horizonte de expectativas” mais amplo. Conforme prossegue Varela:

*Mas o princípio republicano aparece e com ele a América se apresenta ao mundo. Ela é a terra destinada para a incubação do futuro! Como a Ásia pela Europa, a Europa será vencida pela América. A luta será áspera, será tenaz, por que à medida que se avança na civilização, os erros vão tendo mais parte da verdade e é mais difícil destruí-los, mas o resultado não é duvidoso. A monarquia cairá ante a república; a Europa desaparecerá ante a América!*⁷⁴

No excerto acima, podemos verificar que o argumento relativo ao “local” próprio das ideias republicanas e democráticas também está ligado a uma ideia de temporalidade e “modernidade”, que diz respeito a um “horizonte de expectativa” definido. Esta manifestação até contém certa contradição, pois, ao mesmo tempo em que Varela se mostrava mais alinhado às ideias vindas da Europa em alguns momentos, também defendia a “grandiosidade” da América – Estados Unidos e repúblicas “americanas” – em relação ao velho continente. Acreditamos que tal contradição representaria, assim como também aponta Arturo Ardao⁷⁵, uma transição de um “modelo” de pensamento a outro, ou melhor, das inspirações europeias representadas pelos elementos intelectuais franceses, para os próprios da América – no caso, os Estados Unidos – como forma de se desprender totalmente dos resquícios culturais da antiga metrópole, a Espanha. Assim, Varela defendia que “[...] o trabalho de nossa geração é a república. A base em que ela tem que apoiar-se é a América. *Defendemos o Americanismo*”.⁷⁶ Neste sentido, para Varela, a América, ou melhor, os Estados Unidos, representariam o futuro e tudo na Espanha remetia ao passado:

Todos os escritores americanos sempre combateram com ardor tudo aquilo que pudesse ser uma tradição espanhola, o que quer dizer uma *tradição infamante, uma*

⁷⁴ LA REVISTA LITERARIA. *El americanismo y la España*, de 2 de novembro de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideo, 2000a, p. 178, grifo nosso.

⁷⁵ ARDAO, Arturo. *Etapas de la inteligencia uruguaya*. Montevideo: Universidad de la República, 1971.

⁷⁶ LA REVISTA LITERARIA. *El americanismo y la España*, op. cit., p. 179, grifo nosso.

*tradição mesquinha. Se a América é a que representa o futuro, a Espanha representa o passado. Tudo nela é velho, como as pedras de suas catedrais [...].*⁷⁷

Neste último trecho, mais uma vez, Varela relaciona a antiga metrópole com a religião católica, o que, para ele, representava uma associação intrínseca e que ainda se fazia presente. Para ele, esta “tradição monárquica” da Espanha se arrastava e não trazia “vida”, pois nunca teria, de fato, “vivido”:

*As brisas que nos chegam da Espanha são geladas como a de um Cemitério. A Espanha é uma tumba. Não: é menos ainda; é uma pedra. Uma tumba guarda os restos de um ser que teve vida. A Espanha nunca viveu. Para a América, deixar espalhar em seu seio as ideias espanholas é suicidar-se. A Espanha é uma nação-ópio.*⁷⁸

A Espanha, para Varela, era uma “nação-ópio” que trazia ares de “vícios perniciosos” aos anseios de futuro da juventude e que poderia levar esta à morte precoce. Como “nação-cadáver” que era – a partir de uma expressão do chileno Francisco Bilbao – Varela continuava atacando de forma incisiva: “Por muito horror que se inspire à juventude, contra a *nação-cadáver* como dizia Bilbao, nunca será tanto quanto é necessário que seja. Os que ao nascer respiram o ar de vida da América, não compreendem o ar de morte da Espanha”.⁷⁹

Nesse sentido, Varela cria uma relação entre o “amigo” e o “inimigo” da nação: quem não combate a “influência espanhola” é “inimigo da nação” e não é um “americano” ou, mais especificamente, um uruguaio. Aqui, ao se manifestar contrário aos ideais coloniais representados pela Espanha, todos seriam dignos de um mesmo tratamento sob o reconhecimento de irmandade, pois seriam “filhos da América” e, conseqüentemente, partidários da democracia e do republicanismo que, para ele, seriam elementos próprios dos Estados Unidos e que deveriam ser reverberados pelos ares do Uruguai e, também, refletidos nas terras deste país da América do Sul, começando, assim, a “iluminar” a “nova civilização” nacional:

*Combater todos os seus avanços, tanto no terreno da inteligência quanto no terreno dos fatos, é um dever de todos os filhos da América; os que não o fazem, não são americanos. Não é o lugar em que nasce, o que o faz membro de uma nação. [...] Há outras nações nas quais são os governos os que são mesquinhos, mas o povo é nobre: vide a Inglaterra, vide uma pequena parte da França. Buscai na Espanha, não encontrareis nada. É um povo compacto na carência de nobres ideias; unido como os ladrilhos de seus calabouços.*⁸⁰

⁷⁷ LA REVISTA LITERARIA. *El americanismo y la España*, de 2 de novembro de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideo, 2000a, p. 179, grifos nossos.

⁷⁸ Ibid., grifos nossos.

⁷⁹ Ibid., grifo do autor.

⁸⁰ Ibid., grifos nossos.

Nesse trecho, algumas ambiguidades saltam aos nossos olhos: embora defendendo ideais de caráter democrático e progressista, e visando dar corpo aos seus argumentos contrários à antiga metrópole e à Igreja Católica, Varela utiliza um tom generalizante e muito reducionista, depreciando, assim, todo o povo espanhol. Partia do pressuposto de que, naquele país, não havia nada que pudesse representar elementos de “civilização”, diferentemente das populações da França – embora não indicasse qual seria a “pequena parte” desse país – e da Inglaterra, por exemplo, que, para ele, obtinham “inteligência” e “cultura”. E, mesmo que houvesse um desprendimento cultural total em relação à Espanha, o progresso da América do Sul ainda seria “débil”:

Deus quis deter o progresso na América do Sul quando fez com que a Espanha a conquistasse. Ainda hoje, depois de cinquenta anos de liberdade, cinquenta anos empenhados em nos desligarmos da Espanha, nosso progresso é um progresso enfermo. [...] Herança fatal da Espanha e resultado natural do catolicismo, somos inimigos das inovações, e só lentamente, empurrados pela corrente irresistível do progresso [...] é que seguimos os exemplos que nos dá a grande República do Norte.⁸¹

Na esteira do que Varela acreditava em relação ao legado monárquico espanhol e da Igreja Católica, ele considera que a antiga metrópole consistiu em um “empecilho”, um “obstáculo”, “um acidente histórico” para a “evolução civilizatória” dos países sul-americanos e isto teria contribuído para um “progresso enfermo”, “doente”, “débil”. Varela atribui um sentido “divino” a este caminhar em direção ao “progresso da civilização” sul-americana, em especial, a uruguaia, mas, para ele, Deus teria intervindo em nome da Espanha para que isso não acontecesse. O que fica explícito, ao menos neste último trecho, é como Varela tem, para si, a imagem de Deus como uma entidade religiosa e ligada à Igreja Católica, de fato, mas que teria contribuído para uma “conspiração”, juntamente com a Espanha, no que concerne à dominação e exploração dos países latino-americanos.

Em outras palavras, a herança cultural da antiga metrópole e da Igreja Católica, de modo interligado, consistia, para Varela, em um “passado presente” muito perceptível. Este “passado presente” só sairia de cena quando se intensificasse os esforços e projeções em direção ao “futuro presente”, representado pelas características culturais e políticas existentes nos Estados Unidos, ou melhor, da “grande República do Norte”, referenciais que ele considerava democráticos e republicanos. E isso é, mais uma vez, constatável pelas palavras daquele membro de *La Revista Literaria*: “Nunca seremos um grande povo [...] enquanto a

⁸¹ LA REVISTA LITERARIA. *El americanismo y la España*, de 2 de novembro de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideo, 2000a, p. 180.

raça saxã, a raça do futuro, não venha dar vida ao continente sul-americano, que morre com a raça latina, raça desgastada por dezoito séculos de dominação”.⁸²

E, mais uma vez, percebemos, por meio do excerto acima, como Varela, ao capitanear as intenções e motivações gerais de *La Revista Literaria*, concebia as ideias de “civilização” e de “democracia” nacionais, traçadas por caminhos muito tortos e generalizantes, com qualificativos muito negativos em relação a certas culturas latinas em seu todo, como a espanhola e, em alguns momentos, a francesa e a italiana. Por outro lado, não hesitava em expressar e reiterar sua apreciação “positiva” em relação a outras culturas, exemplificadas, aqui, pelas de origem anglo-saxã e, mais especificamente, a estadunidense.

Considerações Finais

Neste trabalho, buscamos analisar como o periódico *La Revista Literaria* consistiu em um espaço de “formação intelectual”⁸³ e de exercício da cidadania na segunda metade do século XIX e, mais especificamente, como suas publicações – principalmente, os artigos escritos por José Pedro Varela (1845-1879) – consistiram em um modo de se pensar a construção da “civilização” nacional uruguaia visando uma “modernidade” político-cultural. Esta “civilização” e “modernidade” pensadas foram embasadas por elementos republicanos e democráticos, mas construídos a partir de referenciais estrangeiros, tendo alguns deles qualificações “positivas” e outros, muito “negativas”.

Tais esforços de se buscar uma identidade nacional singular para o Uruguai também geraram e/ou intensificaram pares “antitéticos” e “desiguais”⁸⁴ de referenciais político-culturais ligados a determinados povos, países e instituições, o que teria sido feito, em alguns momentos, de modo contraditório e muito problemático, orientados por muitas generalizações e reducionismos. Nesse sentido, o “atraso” e o “passado” eram associados diretamente às práticas de toda a Igreja Católica uruguaia e à herança colonial deixada pela antiga metrópole, a Espanha. O “padrão” francês também não estava “totalmente à altura” em muitas vezes, na ótica dos membros de *La Revista Literaria*, tendo sido rejeitado pelo fato de este país também possuir origem latina. Por outro lado, o “projeto de futuro” era constituído

⁸² LA REVISTA LITERARIA. *El americanismo y la España*, de 2 de novembro de 1865. In: CAMARA DE REPRESENTANTES. *Obras de José Pedro Varela (V)* - primera parte. Compilación prólogo y notas de Ágapo Luis Palomeque, Montevideo, 2000a, p. 180.

⁸³ Conforme os dizeres de Hilda Sabato. Ver: SABATO, Hilda. Nuevos espacios de formación y actuación intelectual: prensa, asociaciones, esfera pública (1850-1900). In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: Katz, 2008. v. 1, p. 387-411.

⁸⁴ Relembrando os conceitos de Reinhart Koselleck. Ver: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.

pelos exemplos políticos e culturais “positivos” advindos do “modelo” anglo-saxão, preferencialmente o dos Estados Unidos, por meio de constante comparação com o outro referencial político-cultural já mencionado.

Embora os membros de *La Revista Literaria* reiterassem sua intenção de romper com o passado que, em sua visão, ainda permanecia e impediria alcançar a “civilização” dita nacional que almejavam, e passarem a construir um futuro a fim de alcançar este objetivo, isso só foi possível por causa de uma interação constante entre estas temporalidades. Nesse sentido, eles mobilizaram as suas percepções temporais partir dos seus escritos publicados por aquele periódico e pensaram um novo projeto de nação para o Uruguai.

Em outras palavras, o que tentamos defender, por meio deste artigo, foi que, por um lado, os membros de *La Revista Literaria* buscavam fazer daquele espaço um ambiente igualitário, fraterno, de valores republicanos e tornar isso público por meio de seus textos, visando nacionalizar-se a “civilização” a partir de seus referenciais estrangeiros e em direção ao futuro, a uma “modernidade” político-cultural. Por outro lado, isso foi feito, muitas vezes, de modo contraditório aos valores que defendiam, pois se utilizavam de generalizações de teor excludente, em muitos casos.

Além disso, apesar de os membros daquele periódico considerarem que os já mencionados tempos históricos – e seus referenciais “positivos” e “negativos” ligados a tais países, instituições e populações específicos – estavam totalmente separados como forma de dar força a seus argumentos, ambas as temporalidades (passado e futuro) constituíam o seu presente, pois havia um “passado presente” e um “futuro presente”⁸⁵ em constante interação no momento de sua atuação. Nesse sentido, essa constante interação entre as mencionadas temporalidades teria contribuído para uma diminuição do “espaço de experiências”, que eles associavam à Igreja Católica e à antiga metrópole, a Espanha, e uma ampliação do seu “horizonte de expectativas”⁸⁶, o qual estaria, para eles, mais ligado aos elementos republicanos próprios dos Estados Unidos, características “civilizatórias” que eles visavam alcançar. Era isso o que os fazia, ao mesmo tempo, “movimentar-se” para, em conjunto, manter *La Revista Literaria* em funcionamento e publicar seus textos por meio deste periódico, concebendo, assim, uma “movimentação” histórica em direção à “modernidade” político-cultural a partir de uma “reformulação” da “civilização” nacional uruguaia.

⁸⁵Retomando as expressões cunhadas por Reinhart Koselleck. Ver: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.

⁸⁶Partindo, mais uma vez, das indicações teóricas de Koselleck. Ver: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.